

O Sussurro das Asas de Gabriel - comentários

No prólogo deste recital Suhrawardi conta que quando foi feita uma pergunta ao Xeique Abu Ali Farmadhi sobre “o sussurro das asas de Gabriel”, o eminente Xeique respondeu que ‘...a maioria das coisas que teus sentidos percebem vêm dos sussurros das asas de Gabriel. ... Tu mesmo és um dos sussurros das asas de Gabriel.’ Suhrawardi diz que as palavras do Xeique não receberam o crédito que lhes era devido, e por isso, ele mesmo decidiu escrever um tratado para elucidar esse assunto.

Esse tratado inicia-se com a descrição da preparação do próprio Suhrawardi. Ele conta que sai de sua casa e sob o céu estrelado, ele “circuambula até o romper da aurora” em um estado emocional que ele descreve como “inquietude”. Então ele vai até a “*khangah* de seu pai” e através de uma porta penetra no jardim, na “planura imensa”. No jardim ele encontra com Dez Sábios (*Pir*) de intensa nobreza e esplendor. Suas “cabeleiras de neve” são sinais de elevada estatura espiritual. O Xeique é então tomado de espanto e por alguns instantes, perde a fala. Lutando contra o temor, ele se dirige ao Sábio que estava “na extremidade da fileira”, sensibilizado com sua extrema afabilidade e beleza. Dá-se início então a um diálogo entre ambos.

Antes de iniciar o diálogo, é interessante enfatizar a descrição da metodologia empregada por Suhrawardi e que está por trás do início do recital. O Xeique se afasta dos afazeres mundanos, e por causa de um estado que ele descreve como “inquietude”, ele passa a noite toda em vigília. Essa “inquietude” é a inquietude da alma que, por vezes, contempla a si mesma como estando em separação ou em imperfeição. Ao invés de tentar apaziguar essa emoção, o Xeique mantém-se desperto e “circuambula”, ou seja, dá voltas ao redor das necessidades de sua essência até o amanhecer, ou seja, até o momento do *Ishraq*, ou iluminação. Como resultado, se abre o Alam al-Mithal, o Mundo Imaginal ou o Mundo das Similitudes, onde ele vive suas experiências visionárias. É a Imaginação Ativa que atua como o órgão de percepção visionária. Ela é guiada pelo próprio Anjo e é capaz de ser projetada no Mundo Imaginal e contemplar nele, as realidades espirituais e as verdades perfeitas.

O termo *khangah* é traduzido como uma “loja Sufi” e deve ser compreendido como o próprio interior do buscador ou seu coração. É interessante notar a referência à ligação de Suhrawardi com o Sufismo. Por muitas vezes foi dito que ele não era um sufi pois não estava associada a uma das linhagens instituídas (têquias). No entanto, ele professa uma ligação “vertical”, que o une diretamente à manifestação de *Khidr*, o guia oculto, representado por seu contato com seu “pai” no sentido celeste, ou seja, o próprio Anjo da Humanidade ou Gabriel.

Os Dez Sábios são constantemente citados nos textos de Suhrawardi. Eles são representações das Dez Inteligências ou das Dez Esferas Celestes, sendo que o último, a Décima Inteligência (o Sábio com o qual Suhrawardi conversa no presente recital) é o próprio Arcanjo Gabriel ou o Doador de Formas (ver o Símbolo da Fé dos Filósofos).

Tem-se início então o diálogo, onde o Xeique pergunta ao Sábio de onde eles vêm. Ele responde que todos eles vieram de “Na-koja-abadi”, um termo cunhado por Suhrawardi que significa o “país do não onde” e também o Oitavo Clima situado além da Esfera das Esferas. Esse ponto localiza-se acima do conceito humano do paraíso, e pode ser definido como “estar frente à face de Deus”, ou seja, um local de intimidade e proximidade.

Ao ser questionado sobre suas funções, o Sábio afirma que “o nosso trabalho é a costura” e que eles são guardiões dos Verbos de Deus. O conceito da “costura” será retomado mais adiante no recital. Quanto aos Verbos Divinos, estes são os Sábios em si, ou as Inteligências Arcangélicas e também serão descritos adiante nesse mesmo recital (ver também O Verbo do Sufismo, a ser editado em breve neste site).

O Xeique lhe pergunta porque apenas ele (o último Sábio) dialoga com ele, enquanto os demais permanecem em silêncio. O Sábio responde que o presente estado da humanidade não lhe torna possível dialogar com os demais, e que ele (o Décimo Sábio ou Gabriel) é o porta voz das hierarquias superiores. Como os homens são capazes de compreendê-lo ele passa a ser o intermediário entre as Inteligências Arcangélicas mais elevadas e a humanidade. Por isso, Gabriel é também chamado do Anjo da Humanidade.

Aqui a experiência visionária se intensifica e Suhrawardi descreve a representação que ele vê do próprio universo, como sendo uma “terrina invertida” cujo conjunto possuía a “esfericidade perfeita de uma bola”. Em sua descrição vemos o modelo cosmogônico de Avicena (a ser publicado em breve), presente também em outros de seus tratados. Ele descreve “onze compartimentos concêntricos” onde

nove deles representam as nove esferas e no centro está a água, e no centro desta a areia, sobre a qual estão alguns animais. A areia representa a própria Terra, ocupando o ponto central de todo o universo.

As nove Esferas superiores são os próprios Sábios que estão juntos de Gabriel. A primeira delas é o *Bahman*, nome retirado do zoroastrismo. Pela contemplação de seu Criador, surge dela a Segunda Inteligência. Pelo ato de contemplar seu ser que pode não ser, é gerado um céu, que no caso da Primeira Inteligência é a Esfera das Esferas. Pela contemplação de sua própria Essência surge a alma Motriz desse céu (ver o texto Símbolo da Fé dos Filósofos). Assim todas as outras esferas são geradas até a Décima, o próprio Sábio com o qual Suhrawardi está falando, e este cria a terra e todos os seres que a habitam, por isso ele é também chamado de Doador de Formas. O Primeiro Sábio é o Mestre do Segundo, o Segundo do Terceiro, e assim por diante.

O Sábio continua, dizendo que cada um dos nove Sábios que estão com ele possui um filho e ele, mesmo, Gabriel, possui “numerosos” filhos. A esses filhos é conferido o trabalho de contemplar a mó (pedra de moinho), ou seja, a Alma Motriz de cada esfera, e eles o fazem com um olho contemplando o movimento da esfera e o outro, contemplando seu “pai”, a Inteligência Arcangélica daquele nível, ao qual buscam se assemelhar através de um movimento perpétuo e enamorado.

Gabriel diz que uma vez completado seu turno, seus filhos deveriam retornar a ele, mas nem todos conseguem: “não se pode conceber que todos os enviados retornem”. Isto acontece, segundo o Sábio porque sua “mó é extremamente estreita”.

O Sábio diz que por causa da perfeição de sua natureza, ele não sofre alteração. Ele não necessita de uma esposa para gerar seus filhos, mas possui uma “serva abissínia” e é ela quem contempla as mós. Ele diz que sempre que “a pupila da jovem filha e seu olhar são dirigidos para mim... uma criança é, de meus atos, atualizada dentro do seu seio, sem que eu faça nenhum movimento ou sofra qualquer alteração.” Essa serva é a representação da própria matéria arquetípica, ou a matriz da matéria, que possui a capacidade de receber as “formas” que emanam constantemente do Doador de Formas, ou Gabriel. E isto não se refere apenas às formas humanas, mas a todos os seres vivos. E assim, quando o “embrião” alcança seu desenvolvimento, uma alma emana de Gabriel e então começa para esta alma, seu “exílio ocidental”, sua existência em um corpo material neste nível da criação (ver o Recital do Exílio Ocidental). Completada sua jornada, ela tem a chance de retornar a seu anjo. É necessário compreender que não existe em nenhum momento uma real separação, mas sim um esquecimento do estado de união.

O Xeique pergunta então ao Anjo porque ele apareceu na *khangah* de seu pai, seu próprio “templo interior” ou coração. Sua dúvida se baseia no fato do Sábio ter afirmado que nele não há movimento: como então ele teria surgido ali? O Sábio diz que ele sempre esteve lá, apenas o Xeique não foi capaz de observá-lo antes. Era necessário uma mudança em seu estado para que isso acontecesse. Ele explica isso através de uma metáfora, onde afirma que um cego não enxerga o sol por causa de sua debilidade e não porque o sol não existe. Se sua enfermidade é curada, ele passa a ser capaz de vê-lo. E isso não indica mudança por parte da hierarquia arcangélica mas sim por parte do visionário.

O Xeique pergunta se eles cantam hinos a Deus e o Sábio diz que “somos as testemunhas oculares, imersos dentro da presença divina” e que isso não lhes permite “o lazer” de praticar cultos e que se isso ocorresse, não seria “através da língua e dos membros” que ele se realizaria, pois o “movimento e agitação” não são características desses seres.

O tema da costura é retomado aqui. O Xeique pede ao Sábio que este lhe ensine a ciência da costura, mas o Sábio diz que “esta ciência não está acessível à espécie à qual você pertence”, ou seja, ao homem não é possível “costurar” a matéria com a forma. No entanto, ele ensina ao Xeique o “suficiente” para que ele possa “recompor sua veste grosseira e farrapos rasgados” quando (e se) necessário.

O Xeique pede então que o Sábio lhe ensine o Verbo de Deus. O Sábio então lhe ensina inicialmente o *abjad*, a ciência do valor numérico das letras. Essa primeira explicação refere-se ao Verbo de Deus como sendo a própria Palavra de Deus, no caso, o Corão. Na tradição islâmica é dito que Gabriel é o agente da revelação, o intermediário entre Deus e seu Profeta. Grande trabalho é realizado no sentido de compreender completamente o Corão e uma das formas é tentar reverter a “descida” da revelação, “subindo” em busca da letra em seu estado arquetípico e isso é feito através da atribuição de valores numéricos às letras. Esse tipo de metodologia é bastante comum, por exemplo, no estudo da Cabala. O Xeique então preenche seu tablete com símbolos e com isso, ele compreende os “significados secretos do Verbo de Deus – o Livro Revelado”.

Ao aprofundar a dúvida inicial sobre os Verbos Divinos, o Sábio começa a explicar a hierarquia desses Verbos. Esse tema será retomado e aprofundado por Suhrawardi em outro tratado chamado O Verbo do Sufismo. É necessário compreender que o Verbo é a própria Inteligência, que o revela dentro de

seu ser essencial, ou seja os Verbos são também a própria hierarquia das Dez Inteligências. Essas Inteligências são expressões da submissão à ordem “Seja” (*Khun*) dada pelo Criador, ou seja, são Verbos suscitados a Ser pela vontade de Deus. O termo “Verbo” é bastante significativo, neste contexto, porque, ao contrário do termo “Palavra”, ele indica uma ação perpétua que não tem começo ou fim, como o próprio movimento perfeito dos astros em suas esferas.

O Sábio diz que existem os Verbos Maiores, “emanando do clarão da Augusta Face” do Criador e que eles formam uma hierarquia. Estes são os *Angeli Intellectualis*, ou as Inteligências Arcangélicas em si. A Primeira Luz a emanar é o *Bahman* (ou *Bahman-Luz*), já citado anteriormente, e dele deriva a Segunda Inteligência e desta a Terceira, assim por diante, como já vimos em outros tratados (ver O Símbolo dos Filósofos) até a Décima, que é Gabriel.

Existem também os Verbos Medianos e estes são os *Angeli Caelestes* ou Almas Motrizes, aqueles que colocam à girar as Esferas Celestes.

De Gabriel procedem os Verbos Menores, ou os Espíritos humanos. O Espírito deve ser compreendido como o Sopro Divino (*Ruh*) insuflado na matéria. Lembrar que o homem, segundo as descrições das escrituras, foi o único ser, dentro da criação, que foi tocado por Deus e recebeu diretamente dEle, Seu Hálito.

O Xeique então pede ao Sábio que ele explique o significado das “asas de Gabriel”. O Sábio diz então que Gabriel tem duas asas: a da direita é luz pura e esta asa é a própria relação de Gabriel com Deus. A asa esquerda possui uma “marca de trevas” e tem uma cor avermelhada ou púrpura (tema que Suhrawardi retomará em seu O Arcanjo Empurpurado, a ser publicado em breve neste site). Essa marca de trevas é o seu poder-ser que tem um lado voltado para o não-ser, ou seja, sua impotência em conferir o ser a ele mesmo (ver o Símbolo da Fé dos Filósofos).

É de sua asa de luz que emanam as almas humanas. “Da asa direita de Gabriel desce um raio de luz e este raio de luz é um Verbo, que se chama Verbo Menor”. De cada Verbo superior a Gabriel, a partir de seus atos de contemplação, como já vimos, são gerados a Inteligência do próximo nível hierárquico, seu Céu (Esfera) e a Alma Motriz deste Céu. Esta é a dimensão de luz pura de cada Inteligência. E também de cada Inteligência, através do ato de contemplar o seu poder não-ser, existe uma marca de trevas, e esta sombra se materializa dentro da matéria sutil das Nove Esferas Superiores. Em cada uma dessas esferas existe o nascimento de três Unos, como dissemos acima: a Inteligência, o Céu e a Alma Motriz. Porém, no nível da Décima Inteligência, Gabriel, a emanação explode em uma multidão. A infinita quantidade de almas humanas emanam da sua asa de luz e por isso, são chamadas de almas de luz. De sua asa esquerda, a asa de sombra, ao invés da matéria sutil que permeia as Nove Esferas Superiores, surge a matéria de nosso mundo terrestre, um resultado de seu poder não-ser.

O Sábio diz que o “mundo da ilusão” é a própria sombra da asa esquerda de Gabriel. Enquanto que, da asa direita, emanam as almas de luz e “as verdades e realidades espirituais que são projetadas na consciência”. Assim, o apego ao mundo da matéria, e a ilusão de que não se é (ou de que não há) nada mais do que a matéria deste mundo, é constantemente contraposto com o sussurro soprado no coração, que tenta despertar o homem para sua origem celeste ou divina (ver o Recital do Exílio Ocidental).

É interessante citar que, no Ismaelismo (ver o texto O Legado Islâmico) a Décima Inteligência é chamada de Adão Espiritual e ele é na verdade, a Terceira Inteligência que foi criada. Porém ele “demora” em reconhecer as duas Inteligências que o precedem e por causa desta demora ele se torna o Décimo. Assim, a origem das almas humanas estaria associada com o nível da Terceira Inteligência e não com a Décima, o que explicaria a “nobreza” conferida ao ser humano, diante do qual os próprios Anjos são levados a se prostrar. Esse tema será retomado de forma belíssima no tratado de Suhrawardi intitulado O Manual dos Fiéis do Amor, a ser publicado em breve. Ao que parece, o retorno de cada alma humana ao Anjo da Humanidade, faria com que o próprio Anjo, e as almas humanas que retornaram a ele, pudessem evoluir de volta à Terceira Esfera, seu lugar de origem. As implicações desta visão estão apresentadas no texto A Cosmologia Ismaelita: o Homem como Anjo em Potencial.

A partir daqui o recital se encerra. O Xeique diz que na *khangah* de seu pai, “surgiu a luz do dia” e que a porta que conduzia ao mundo interior foi fechada e foi aberta a porta que conduz aos afazeres do dia a dia. A hierarquia dos Sábios se foi, deixando no Xeique o lamento e a saudade “de sua companhia”.

Assim, podemos dizer que neste recital estão presentes vários dos temas mais frequentes da terminologia de Suhrawardi, tais como, a procissão das Dez Inteligências, a descrição dos Verbos de Deus, e as emanações das asas de Gabriel. Mais do que apenas descrição, esse recital nos fornece as bases da metodologia empregada pelo próprio Xeique para entrar em contato com essas dimensões. Tanto seu preparo interior quanto a experiência visionária em si, colocam este texto entre os mais essenciais da obra

suhrawardiana, pois ele nos recorda constantemente da origem de nosso ser, da nossa própria constituição e de qual deveriam ser nossos esforços no sentido de recuperarmos nossa herança espiritual. Com a leitura deste texto, podemos alcançar uma compreensão mais profunda dos resultados que certas pesquisas atuais vêm obtendo acerca da origem dos constituintes de nosso corpo. Segundo os cientistas, a origem das substâncias que se combinam para formar os seres que habitam o planeta terra, estaria nas próprias estrelas, que constantemente produzem uma “chuva” de material orgânico no céu. Assim, a saudade e o encantamento que o céu estrelado causa, desde os primórdios da civilização, talvez, na verdade, sejam reflexos das verdades espirituais sussurradas da “asa direita de Gabriel”, provocando em nós o reconhecimento e a saudade do lugar de onde viemos.